

GENTZLER, Edwin (1993). *The future of translation studies*. In: *Contemporary translation theories*. Londres, Nova Iorque, Routledge.

Cristiane Roscoe Bessa*

Em *The future of Translation Studies*, Edwin Gentzler faz uma revisão das principais e mais recentes discussões da tradutologia, observando certa mudança de paradigma teórico. Nesse sentido, o texto traz implícito um questionamento de posições e concepções anteriores e, ao mesmo tempo, revela o despontar de novos caminhos. O autor termina por ratificar a interdisciplinaridade da tradução como ciência.

O texto descreve a formação de grupos e tendências inusitadas de estudo, sob a influência de novos pressupostos de âmbito internacional. O nosso autor afirma, com propriedade, que há uma mudança de foco na atividade tradutória, o que vem, a nosso ver, abalar a própria concepção de tradução. Esta deixa de ser fenômeno estritamente lingüístico para se tornar fenômeno cultural, o que, segundo Bassnett e Lefevere, significaria mesmo uma virada histórica. O processo tradutório, como atividade intercultural e não interlingüística, ganha um status substancialmente mais dinâmico.

Gentzler é feliz ao ressaltar que, na década de 80, assiste-se a um período de novas abordagens, nas quais fatores subjetivos passam a ser legitimados no ato tradutório. O autor destaca que, em 1983 Jäger e Neubert aceitam o epíteto “*soa melhor*” como um critério legítimo de procedimento tradutológico, que a psicolingüística e a sociolingüística ganham terreno na Alemanha e, ainda, que Mary Snell-hornby enfatiza a importância das culturas envolvidas no processo tradutório, as quais ganham conceito mais abrangente, envolvendo desde a arte até aspectos sociais. Todos esses fatos confirmam, justamente, a

* Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

ampliação do limite dos preceitos até então associados ao ato tradutório.

Azenha menciona algumas correntes de estudos identificadas por F. Königs nas duas últimas décadas: a perspectiva lingüística, a da análise do texto, a hermenêutica, a perspectiva funcional, a da orientação cultural, a da crítica da tradução, a perspectiva contrastiva, a literária, a terminológica, a da tradução computadorizada, a da Psicolingüística e a da didática da tradução (Azenha, 1999, 23-27). Desta diversidade de abordagens advém um inextricável intercâmbio que resulta em “*um emaranhado gigantesco de relações que se alternam e se condicionam reciprocamente*” (*ibidem*, 27). Lefevere fala do suposto fim dos estudos normativos na tradutologia, o que teria contribuído para a expansão de outras abordagens (1995: 9).

Como bem destaca Gentzler, generalizações ficam mais difíceis a cada dia. O nosso autor não deixa de destacar que a tradicional dicotomia literal/livre perde força para muitos estudiosos, entre os quais Bassnett: “*Ora, fidelidade no sentido exato da palavra é coisa que não existe em tradução*” (Cunha, 1982, p. 53). Observa-se, no início daquela década, que, de fato, a noção de fidelidade é combalida. Nesse momento de profundas mudanças, a própria questão da equivalência passa a ser secundária para alguns teóricos.

Rodrigues afirma que a conceituação de equivalência dominou o pensamento teórico entre as décadas de 50 e 80 (2000, p. 89), porém perde terreno para preocupações de ordem mais abrangente. Gerzymisch-Arbogast (1994) enfatiza que o perfil da pesquisa em tradução mudara substancialmente nos últimos 10 anos. Conceitos globais são substituídos por estudos de aspectos individuais e por uma orientação mais interdisciplinar. As abordagens são mais heterogêneas e multidirecionais e a conscientização do processo passa a fazer parte do ato tradutório.

Rodrigues ainda menciona que a noção de “*débito que o original tem para com a tradução*” é superada (2000, p. 95). Constatamos uma crença, até então amplamente aceita, de que a tradução teria sido inferior ao texto original. Bassnett e Trivedi, na introdução de *Post-colonial Translation*, chamam atenção para a visão dominante de que a tradução deveria ser uma mera có-

pia e, assim, inferior ao original (Bassnett; Trivedi, 1999, p. 2). Os autores, entretanto, reconhecem a subsequente e inevitável mudança de status do texto traduzido (*ibidem*, p. 2, 3). Siscar, recentemente, ao tecer comentários sobre a intraduzibilidade, ou o que poderíamos definir como diferentes graus de traduzibilidade de um texto, ressalva que a dificuldade inerente ao ato tradutório não nos remete a uma superioridade do original (2000, p. 59). Os autores, nessa nova conjuntura, aceitam as perdas ou eventuais ganhos impressos no produto final, o qual resulta indubitavelmente num texto diferente, porém igualmente único e legítimo.

Muito pertinente é a visão de Gentzler de que há também mudança de tratamento essencialmente micro-estrutural para a preocupação com o todo, com a unidade de tradução no texto e com o texto como revelação de um sistema sócio-cultural. A fim de reforçar sua assertiva, o nosso autor lança mão de autores como Lambert, quem se desloca de uma descrição micro-estrutural para um trabalho com estruturas macro-estruturais, e Bassnett e Lefevere, os quais se concentram em fenômenos macro-estruturais como estruturas de poderes institucionais. Azenha, a partir de Snell-Hornby, destaca que, na abordagem clássica, isolavam-se fenômenos ao passo que a tradutologia, hoje, concentra-se numa *“teia de relações, em que a importância de itens individuais é decidida pela sua relevância no contexto mais amplo do texto, da situação e da cultura”* (Snell-Hornby *apud* Azenha, 1999: 19).

Gentzler também faz referência à proposta de Douglas Robinson segundo a qual o tradutor literário não precisa ter conhecimentos teóricos, visto que esse já apresenta intrínseca uma integração de sentimento e pensamento assim como de intuição e sistematização. Faz também alusão ao modelo dialógico, segundo o qual o tradutor se vê atrelado à língua-fonte e, ao mesmo tempo, à ética da língua-meta e ao receptor. O tradutor literário atuaria com liberdade e criatividade, podendo intervir e até mesmo fazer substituições no original. Assim, nesse profissional específico residiria o futuro da teoria da tradução, pois linguistas, cientistas e filósofos já teriam tido sua chance. Robinson, para Gentzler, deposita esperança de respostas para questões tradutológicas não resolvidas.

Vale, nesse momento, observarmos que o tradutor, visto que é detentor de maior liberdade e autonomia sob essa ótica, ganha papel mais ativo no processo tradutório; sai de sua tradicional invisibilidade para usufruir da legitimidade de sua co-participação na tradução. É de grande importância esse fato, pois o tradutor deixa de ser subalterno, subserviente, como também destaca Rajagopalan (2000, p. 124). Assim, é pertinente ressaltar que alguns autores questionam continuamente o papel designado ao tradutor; Ferreira, ainda em 2000, por exemplo, está propondo a revisão do papel desse profissional (2000, p. 117).

No bojo de tantas mudanças, nosso autor retoma o caso específico de países como o Canadá, que se vê com problemas de identidade envolvendo questões de colonização, bi-lingüismo, nacionalismo, herança cultural, sistema literário e questões de gênero, o que também exerce certa influência sobre as questões da teoria da tradução. Os Estados Unidos também se destacam, pois é onde a televisão, o rádio, a música e a propaganda despertam o interesse por novos estudos, como o de legendagem e terminologia. Há, assim, ampliação do campo de abrangência do vocábulo “tradução” como atividade e como conceito.

O conceito “tradução” amplia-se essencialmente. Todo vocábulo pode ser reconhecido como estrangeiro cada vez que é usado de forma distinta. Lima e Siscar destacam o fato de qualquer novo emprego de uma lexia ao se tornar estrangeira, representando, deste modo, uma tradução de si mesma (Lima; Siscar, 2000, p. 109). Rajagopalan também ressalta que, na verdade, todo ato comunicativo caracteriza-se como uma tradução (2000, p. 125). Tymoczko, por sua vez, afirma que a própria produção pós-colonial pode ser considerada uma forma de tradução (1999, p. 20). Aqui, então, constata-se mesmo uma redefinição do conceito de tradução.

Ainda como evidência das revisões vigentes, Gentzler tece comentários sobre Lambert, quem, juntamente com Clem Robyns, defende a idéia de que a tradução não pode ser tratada de forma isolada e deveria, ainda, ser vista como o início e o resultado de processos semióticos em ação na formação de práticas discursivas. A tradução se dá numa variedade de fronteiras sistêmicas, não apenas entre duas línguas. Lambert apre-

sentava todo texto, toda palavra como retentora de elementos traduzidos e o texto traduzido, de elementos discursivos não traduzidos. A categoria “*não-tradução*”, por isso, se destaca em seus trabalhos descritivos.

O nosso autor apresenta, assim, a hipótese de que a nova postura: i) abala as teorias lingüísticas baseadas em mapas geográficos; ii) requer o uso de novos mapas lingüísticos; e iii) abre os horizontes para discursos de nações supostamente secundárias. Textos não-canonizados e textos “*extra-literários*”, por exemplo, passam a ser reconhecidos. De acordo com Gentzler, a busca por discursos periféricos inicia-se com o estudo da tradução e a teoria de polissistemas. Devemos ressaltar que a redefinição de fronteiras foi um fato profícuo para o saber, pois possibilitou a descentralização do eixo cultural, literário e teórico dominante até então. Neste ínterim, teóricos da tradução que se dedicaram ao desconstrucionismo contribuíram também para o intercâmbio com outras áreas e para o fim da hegemonia cultural.

A fim de corroborar as redefinições em vigor, Gentzler ainda remete o leitor aos conceitos de “*patronage*”, refração e ideologia, sugeridos por Susan Bassnett e André Lefevere em *Proust’s Grandmother and the Thousand and one Night*. Com isso, propõe não só a análise do paradigma histórico, mas principalmente das ideologias e das instituições de poder que haviam até então influenciado na tradução.

Nesse contexto, Roland Barthes, citado pelo nosso autor, recrimina a “*arbitrariedade e artificialidade de sistemas semiológicos*” e a maneira como a elite de poder manipulava o pensamento até então. Entretanto, Gentzler também demonstra o ponto de vista contrário: Michel Foucault argumenta que *produzir*, seja lá em que condições, leva sempre ao conhecimento. O nosso autor menciona, ainda, a afirmação de Theo Hermanns: “*toda tradução é uma manipulação de texto*”, e de Lefevere: “*todo estudo de literatura por si só já é manipulação*”, pois “*re-escritores*”, críticos literários, por exemplo, também terminam se enquadrando a instituições e valores. Infere-se, assim, que toda escolha está sob um poder e as ideologias não são em si monolíticas.

Para Gentzler, com a maior abrangência da tradutologia (que deixa de se concentrar apenas no texto-fonte e texto-meta,

para analisar também diferentes discursos e práticas semióticas), a tradução, sob a influência de Foucault, passa a ser de interesse para críticos literários e sociólogos. A tradução toca inusitadamente múltiplas áreas; áreas afins de estudos têm, por isso, suas fronteiras redefinidas. O nosso autor nos lembra que Bassnett e Lefevere vão além do anseio de que a tradução seja aceita na teoria literária ou na literatura comparada; propõem, sim, que a segunda seja uma subcategoria da tradução.

Gentzler não poderia deixar de ressaltar os poetas e tradutores brasileiros Haroldo e Augusto de Campos, que, a partir de Derrida, propõem uma abordagem pós-moderna e de combate ao eurocentrismo, apresentando o fazer tradutório como forma de transgressão, de canibalismo, segundo a qual a tradução come, digere e se livra do original. Assim, para o nosso autor, a tradução é um ato de força que perpetua o original, como em Benjamin, Derrida e Lefevere. A tradução, enfim, deixa de ser associada à idéia de perda e passa a significar um ato de afirmação e prazer.

Neste intervalo, Gentzler nos remete a Walter Benjamin, para quem traduzir é recriar, transformando e renovando o original; é ainda forma de *“liberar a língua presa no original”*. Assim como a linguagem, nossas categorias genéricas, o conceito de texto e de sacrossanto, o conceito da inviolabilidade do original deve ser refutado. Por meio de uma tradução palavra-por-palavra, imagem-por-imagem, conseguimos, ainda, ter acesso a elementos de cultura adversos e ampliar nossos horizontes.

Outra hipótese muito bem apresentada pelo nosso autor é a de que a tradução promove, em última instância, mudanças sociais. Os estudos tradutológicos seriam também positivos na medida em que permitiriam a análise de elementos do inconsciente e a *“interpelação”*, um movimento em duas direções, que abala nossos construtos e identidade. Por seu intermédio, seria possível conhecer como a mente literária tem interpretado o mundo. Even-Zohar e Toury, por exemplo, demonstram que a manipulação cultural e institucional norteou o curso da evolução cultural e literária. Todavia, a tradução teria entrado em cena para possibilitar que estruturas invisíveis viessem à tona e que o não dito fosse revelado.

Gentzler recorda que, na tradução, o diferente era discriminado, a falta de equivalência era repudiada. A teoria feminista, entretanto, vem legitimar a diferença; a diferença é agora desejável. A verdade do original, analisada sob diferentes ópticas, em diferentes momentos históricos, fica enfraquecida. Há um intercâmbio maior entre as várias áreas afins e a tradução ganha *status* de interdisciplinar. Estudiosos da área são reconhecidos em outros ramos do saber. A desconstrução de autoridades governamentais, da crítica literária e da cultura em geral é também a primeira semente para a mudança do conceito da tradução. Os primeiros passos para uma comunicação verdadeiramente “intra e inter-cultural” enfim estão dados.

Observamos que muitos dos teóricos mencionados pelo nosso autor propõem uma mudança radical na própria concepção de tradução. Como mencionado, alguns indicam, em última análise, a premência de se ir além da equivalência no processo tradutório. Campos destaca que a tradução é mais do que uma busca por equivalências; vai mesmo além de uma substituição, tratando-se de uma recriação (1982, p. 16). Dutra observa que a adaptação, o que denomina também equivalência dinâmica, é a melhor opção para que o texto original se torne compreensível e fluente (1984, p. 84). Teóricos passam a legitimar o que pode ser designado *substituição* na prática tradutória. Assim, constatamos, na década de 80 e 90, uma tendência ao reconhecimento de procedimentos que extrapolam os limites de uma tradução linear. A substituição, a adaptação, a reformulação, ou a recriação ganham destaque entre teóricos e práticos. Há de se reconhecer que a noção de equivalência há muito vinha causando polêmica e divergências conceituais. Sob a premissa de que a busca por equivalências não mais atendia às necessidades inerentes ao processo tradutório em diferentes áreas do conhecimento, buscaram-se caminhos alternativos.

No que tange à teoria, há uma série de novas idéias e elucubrações. A título de exemplo, o desconstrucionismo de Derrida influencia diferentes teóricos e ganha um leque de atuação e interpretação relativamente amplo. Esteves traça um paralelo entre a hermenêutica e a psicanálise, que têm alguns pontos em comum, os quais representariam exatamente o contato com a

tradução (2001, p. 75-80). Oliveira reconhece o neo-estruturalismo, inicialmente proposto por Frank (2001, p. 89-109). Trata-se, destarte, de um momento marcado por redefinições e mudanças.

Pudemos confirmar, no texto de Gentzler, tendências simultâneas na pós-modernidade. Gentzler se propôs uma difícil tarefa diante de tantos pensamentos concomitantemente em ebulição. O que nos parece também inegável é o fato de sua maioria consistir numa revisão e crítica ao paradigma dominante, de onde advém sua grande contribuição para a tradutologia.

Arrojo se refere aos repetidos fracassos da aplicação das abordagens modernas à tradução, pois os referidos teóricos procuram “*transformar em ‘ciência’ toda a sistematização da tradução, quando poderiam estar se ocupando de situações reais de tradução e como lidar com essas*” (2000, p. 79). Fracasso ou não, trata-se de uma inevitabilidade diante de um contexto inusitado, onde margem finalmente mistura-se e confunde-se com o centro; onde vozes oprimidas têm vez ao primeiro grito. Gentzler não podia fechar os olhos perante a nova conjuntura.

Bibliografia

- ARROJO, Rosemary. (2000) Modernidade e o desprezo pela tradução como objeto de pesquisa. *ALFA – Revista de Lingüística: Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo: Editora UNESP, vol. 44, n° esp. p. 71-87.
- AZENHA JÚNIOR. (1999) João. *Tradução Técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH.
- BASSNET, Susan; TRIVEDI, Harish. (1999) *Introduction: colonies, cannibals and vernaculars*. In: BASSNET, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post-colonial translation*. Londres, Nova Iorque: Routledge. p. 1-18.
- BENJAMIN, Andrew. (1989) *Translation and the nature of philosophy: a new theory of words*. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- BENJAMIN, Walter. (1992) The task of the translator. Tradução de Harry Zohn. In: Rainer Schulte e John Biguenet (Eds.). *Theories of Translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago/Londres: The University of Chicago. p. 71-82.

- CAMPOS, Geir. (1982) Tradução e ruído na comunicação teatral. São Paulo, Álamó.
- CUNHA, Helena Parente. (1982) O finado Matias Pascal. In: ROCHA, Daniel da Silva (et al.). *A tradução da grande obra literária: depoimentos*. São Paulo: Álamó. p. 47-65.
- DUTRA, Waltensir. (1984) Processo e técnicas de tradução. In: Portinho, Waldívia Marchiori (Org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Alámo. p. 77-106.
- FERREIRA, Elida Paulina. (2000) Os desvios da tradução: três questões polêmicas em Francis Henrik Aubert. *ALFA – Revista de Linguística: Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo: Editora UNESP, vol. 44, nº esp. p. 113-122.
- GENTZLER, Edwin. (1993) The future of translation studies. In: *Contemporary translation theories*. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- GERZYMISCH-ARBOGAST, Heidrun. (1994) *Übersetzungswissenschaftliches Propädeutikum*. Tübingen, Francke.
- LEFEVERE, André. (1995) Introduction: comparative literature and translation. *Comparative Literature*. Eugene: University of Oregon, vol. 47, nº 1. p. 2-10.
- LIMA, Érica; SISCAR, Marcos. (2000) O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. *ALFA – Revista de Linguística: Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo: Editora UNESP, vol. 44, nº esp. p. 99-112.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. (2000) Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. *ALFA – Revista de Linguística: Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo: Editora UNESP, vol. 44, nº esp. p. 123-130.
- REISS, Katherina, Vermeer, Hans. J. (1991) *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, 2 ed. Tübingen: Max Neimeyer.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. (2000) Tradução, a questão da equivalência. *ALFA – Revista de Linguística: Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo: Editora UNESP, vol. 44, nº esp. p. 89-98.
- SISCAR, Marcos. (2000) Jacques Derrida, o intraduzível. *ALFA – Revista de Linguística: Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo: Editora UNESP, vol. 44, nº esp. p. 59-60.
- TYMOCZCO, Maria. (1999) Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNET, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post-colonial translation*. Londres, Nova Iorque: Routledge. p. 19-40.